

OS PADEIROS



A Cesar o que é de Cesar, e á Camara municipal os nossos agradecimentos pelo modo como livrou os moradores de Lisboa da projectada pirataria dos srs. padeiros. Estes artistas da massa parece que em alvitres de exploração aprenderam pela cartilha de lord Salisbury. Felizmente que a Camara não lê pela cartilha do sr. Hintze Ribciro; e em vez de negociar com os exploradores Salishurinos da nossa barriga, não esteve com meias medidas, e ao pão respondeu com outro pão, como nós devíamos ter respondido ao *ultimatum* com outro *ultimatum*. Talvez que Salisbury tivesse recuado, como recuaram os padeiros—seus discipulos l. . .

A CEGONHA E A RAPOSA

Velha fabula

Nô tempo em que os animaes
Tinham profundo talento
E fallavam tanto, ou mais,
Que hoje em dia outros que taes
Nas salas do parlamento,

Existiu, em sitio incerto,
Uma cegonha altaneira,
Que a fallar, qual livro aberto,
Ao mais fino, ao mais esperto
Dava lições de cadeira.

Valente como a panthera,
Activa como uma abelha,
Dos brutos na vasta esphera
Nunca nenhum lhe fizera
O ninho por traz da orelha.

Ella é que, nobre e feliz,
Fazia a ninhada sua
De altos montes na cerviz
—Que é assim como quem diz
Nos carrapitos da lua.

E, co'a cegonha *aliada*,
Vivia, cheia de ronha,
Uma raposa pellada,
Que andava mesmo esfaimada
Por comer tudo á cegonha.

Mas nada afinal comia,
Que a cegonha tudo punha
N'uma funda almotolia,
Onde a outra não podia
Nem metter dente, nem unha.

Um dia, a cegonha forte,
Foi perdendo o ardor febril,
E acabrunhou de tal sorte
Que par'cia, em genio e porte,
A preguiça do Brazil!

Não mais seus vôos altaneiros
Quiz á serra levantar,
E, sob os seccos loureiros,
Passava os annos inteiros
Sempre de perna no ar.

Vendo a raposa velhaca
A cegonha entorpecida,
Disse comsigo:—Estás fraca,
Tenho na mão queijo e faca,
Vou-te apanhar a comida...

Em sagaz velhacaria
A raposa cresce e medra;
E á cegonha, um bello dia,
Palma a tal almotolia,
Pondo em vez d'ella uma pedra.

Sobre essa pedra espalmada
Lançando o comer chorudo,
A cegonha malfadada
Co' o bico não come nada
E a raposa —lambe tudo...

.....
N'esta fabula se encerra
Allusão—p'ra nós tristonha...
Pois no *tão* que hoje nos ferra,
E' a raposa—Inglaterra
E' Portugal—a cegonha...

PAN-TARANTULA.



AOS HOMENS DO FUTURO!

Estudantes! pura látria!
N'este assumpto não me alongo,
Usae, por gloria da patria,
De *Sabonete do Congo!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

SABADO 30 AGOSTO



Festa artista do Actor Setta com

O REINO DAS MULHERES

POR ESSA LISBIA...

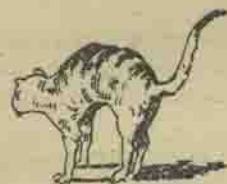
Acha-se actualmente em Lisboa um illustre pintor portuense—retratista insigne—cujos processos de trabalho estão destinados a causar uma verdadeira revolução no mundo da arte.

O afamado e original artista já em tempo causou a admiração e o espanto da Europa e, se as nossas informações são exactas, como cremos, até o espanto das duas Americas—pelo modo como executou o retrato do chimico que mais coelhos tem morto em Paris, graças a um systema de inoculação do virus rabico que nós recommendamos aos caçadores, como sendo mais pratico e menos fatigante do que o uso do tiro de espingarda.

O sr. Rezende—que assim se chama o illustre pintor—depois de ter obtido uma photographia de Pasteur—que assim se chama o matador de coelhos—escreveu ao chimico pedindo-lhe que lhe dissesse na volta do correio qual a cor de seus cabellos, de seus olhos, de sua barba e de sua pelle.

Pasteur respondeu que o cabello era branco, os olhos acastanhados e a pelle desmaiada.

E assim foi executado o retrato!



Agora o sr. Rezende vem a Lisboa para pintar o retrato de Sua Magestade El-Rei. E depois d'uma entrevista com o seu real modelo, eis o que o artista conta em epistola aos seus amigos do *Primeiro de Janeiro*:

«Sua Magestade El-rei levou a sua amabilidade a ponto de consentir que eu tirasse a medida do seu rosto e a altura do corpo, e mandou logo pôr á minha disposição todo o seu trajo de gala, em cujo estudo gastei, na primeira sessão, 4 horas. Já tenho duas photographias de Sua Magestade.»

Como vêem, este processo de pintar retratos, desconhecido de Velasquez, de Rembrandt, de Franz Hals, de Rubens e de outros ignorantes d'esta força, está destinado a abrir novos horisontes aos artistas do futuro.

Pelo processo do sr. Rezende já o retratado não poussa diante do artista, reproduzindo este na tela a physionomia do modelo.

O seu systema é outro. Trata de obter a photographia da pessoa que tem de retratar. De posse da photographia, vae ter com o retratado—e mede-o!

Altura do corpo—1,75.
 Dita do rosto—0,24.
 Dita do nariz—0,7.
 Dita da orelha—0,7.
 Comprimento do braço—0,58.
 Dito do fura-bolos—0,9— do dedo maminho, 0,7
 —do seu visinho, 0,10.
 Dito do bigode—0,8.

Observações:—Não foi possível obter o comprimento dos reaes cabellos, por Sua Magestade possuir uma floresta capilar demasiadamente encaracolada.



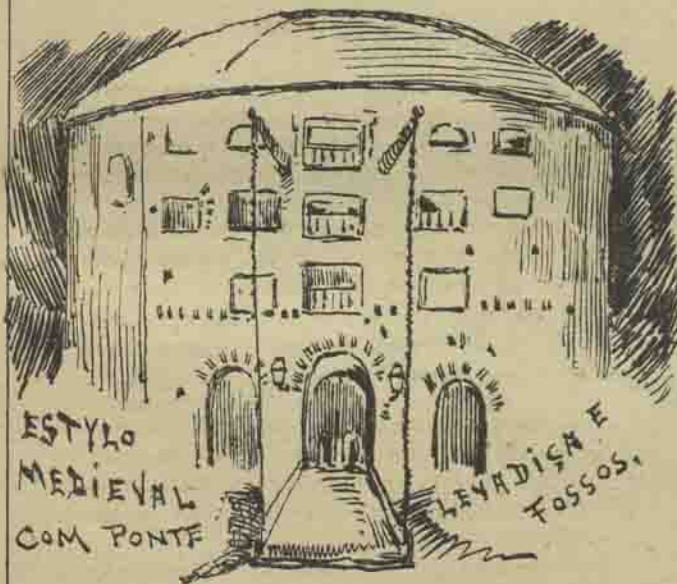
Assim tiradas as medidas, o retratado fornece ao artista os seus fatos mais vistosos e mais solemnes; o artista estuda-os durante quatro horas; e ao cabo d'esta unica sessão tem-se um retrato a oleo capaz de metter a um canto, em precisão metrica, algebica e photographica, todos os retratqs do museu do Prado e do Louvre.

O que eu não faço idéa é do espanto que deveria ter atacado Sua Magestade, quando o artista portuense, em vez de lhe sollicitar uma sessão, lhe pediu licença para lhe tomar as medidas do nariz e mais partes componentes do seu rosto.

E ainda ha quem inveje o officio de reinar!...



A's torturas d'um rei, eu só posso comparar a tortura d'uma subida para esse Bastilha da arte dramatica, mais conhecida pelo nome de Novo Colyseu.



A empresa até hoje ainda não tomou a resolução de encommendar ascensores a Raul Mesnier. De sorte que as familias que ali vão passar a noite decidiram munir-se dos mesmos cajados com que na Suissa se fazem ascensões ao Monte-Branco.



O aspecto que apresenta a entrada do Colyseu é hoje dos mais pittorescos; e enquanto uns frequentadores sobem com um esforço que toca os raios do heroismo, outros deixam-se escorregar pela ladeira com uma alegria que toca as raias do delirio.



Quanto ao promenoir, que nós desejaríamos encontrar sempre invadido por uma multidão soffriavelmente alegre,—com magua o dizemos—vae cheirando demasiadamente a visita de pezames.



Dir-se-ia que lá do alto a multidão assiste a algumas exequias,—tal é a alluvião de luvas pretas e de sobrecasacas mais solemnes que a do proprio sr. Hintze Ribeiro.



Para a tristeza ser completa, só lhe falta uma venda de chá e torradas,—e um baile infantil dirigido pelo sr. Justino Soares...

QUIDAM.



A ENTREGA D'AFRICA

SCENA TRAGI-COMICA



LORD SALISBURY, a John Bull.—«John Bull, meu amigo, acorda! Aqui tens um novo imperio colonial, que eu apanhei com um ultimatum, sem precisar disparar um tiro, ou gastar uma libra. Sabio-nos mais barato que a occupação do Egypto, Então tivemos de bombardear Alexandria, e hoje nem sequer foi preciso bombardear Lisboa... John Bull, meu amigo, acorda! Agradece a estes senhores!..»

JOHN BULL, vomitando.—«All right!...»

PORTUGAL, supplicante.—«Pelô amor de Deus, ministros meus! Mais pudor e mais coragem! Se no mundo já não ha razão, e se a justiça é uma mentira, mais vale que elles nos roubem, que nós submettêmo-nos! Com ladrões d'estrada nunca ninguem negociou!...»

OS MINISTROS, desdenhosos e praticos.—«Lá começa você a fazer rhetorica, e a querer armar questões! O melhor è dar-se-lhes a Africa... Talvez assim os homens se commovam, e talvez nós possamos levantar um novo emprestimo na praça de Londres... A Africa! a Africa!... Sabe que mais? Não ha nenhuma Africa que valha um bom adicional de 6 por cento!...»

ZINCO T O D O

Em viagem



Septembro aproxima-se: já o calor é menos calcinante... Pela manhã, já podemos vêr esgarçar-se uma nevoa translúcida, a golpes de sol. Pela tarde, já podemos sentir de longe uma doce brisa, perfumados, fresca, e cantante de todos os rumores dispersos da campina. A's duas horas da tarde, quando nas aldeias alemtejanas, ao longo das casinholas brancas, estonteadoramente brancas, entra a esfumar-se uma orda de sombra, o vento que sopra não é já tanto o halito d'um forno ao rubro, crepitando d'estalidos eubits, que lembram os gritos de dôr da terra ulcerada por milhões de causticos. E o occaso demora-se, n'uma paz cheia de psalmos, antes que a noite chegue, e o alvorocer, mais gradual, consente já umas horas de matutina frescura, durante as quaes, mesmo repensando a calma asphixiante do meio dia, é doce, muito doce, viver.

Entanto ainda a reverberação das calças produz terríveis e instantaneas cegueiras, dôres tetanicas no fundo dos olhos, e as pedras da rua, escandentes, ao meio dia, fazem ganir os cães e as creancitas descalças.



Vae entrar septembro, o bom setembro das noites estreladas, quando a *via lactea* traça uma *eharpe* de scintillantes saphiras no ceu, e os figos são como punhos, e o moscatel das latadas condensa nos seus succos, a tripla-essencia de todos os bouquets da Asia e da America. Septembro, além de ser no Alemtejo o mez dos fructos, é o mez da caça, o mez das romarias, o mez dos casamentos: n'uma palavra, o mez da abundancia. Este anno as sementeiras foram pessimas. Mas os vinhedos promettem—e como refresca mais cedo, ninguém falta á romaria, por esses eremiterios bucolicos da visinhança.

Com bom provinciano, filho de lavrador, creado no monte, entre moinhos e pastores, eu nunca falto á romaria, cujos foguetes me estalem por estas quatro leguas de redor. Este grande Alemtejo tão typico como provincia portugueza, e tão antipathico ao forasteiro, que só tente aperceber-se d'elle atravez as respostas dos mendigos que topa nas estradas, e atravez das assordas d'ovos que lhe fazem comer nas estalagens—este Alemtejo tão patriarchal, tão rude, tão cheio de interesse, como paysagem e como interior

—este Alemtejo affigura-se-me poder vir a ser, cedo ou tarde, uma região de predominio sobre as demais provincias portuguezas, pela vastidão dos seus diametros, pela opulencia geologica do seu solo, tão apto a todas as variedades da cultura, e pela maravilhosa prespicacia dos seus filhos, typos de meiodia, devorados d'imaginação, avidos d'aventura, e audaciosos e tenacissimos em frente d'uma idéa que os compentre, e pela qual elles se tenham apaixonado d'antemão.



Estas coisas me occorrem no adro da igreja rustica d'onde lhes escrevo á pressa, emquanto o *calmasio* passa, e os meus companheiros não voltam d'uma apanha ás perdizes, nas poças d'um ribeiro que dista d'aqui cerca d'uns metros. Teremos festa rija na ermida, Domingo proximo, e como o arraial é de fama, e a santa milagreira, já porqui vejo crescer o acampamento de romeiros, vindos de todos os pontos dos districtos d'Evora e de Beja, não por comboio, mas á moda antiga, no carro biblico de duas mulas, rodados com chapas de ferro, toldo de lona, e a bordo um medonho aranzel d'alforjes, cantigas, gallinhas, colchões e cobertores. Em dois ou tres dias terão chegado os dez mil forasteiros que a romaria comporta annualmente: será um espectáculo de vida rustica admiravel, e d'aqui por anos perdido, segundo o prognostico dos velhos lavradores.

De roda da ermida, a campina vasta, pellada e esboroenta, sulcada de regos, pôde abranger-se, mau grado as azinheiras, até confins desmesuraveis. De longe em longe, colossos de trancos de cortiça, e com pernadas angulosas onde a folhagem encoxarra, como feita de zinco e de coiro envernizado. Lá baixo uma horta, com seu renque de paías na margem d'um regueiro, a nôra parada, o tanque cheio de limos, e verdes de milharal que murcham sob o calor do sol, com attitudes gracios, na folhagem. Ai, esse milharal, que faz por se dar na paysagem um ar miinho, que dias d'angustia elle não custa á paciencia do burro que faz mecher a nôra, coitado!—um burro por cujas orelhas cuido reconhecer um companheiro do *Martinho*, ronceiro posta e desilludido jornalista. Se é elle, o pobre, quão mudado o encontro, desde a ultima vez que conversámos!



Por todo o descampado que me cerca, carros do Alemtejo descansam por grupos, fazendo *douars* separados, n'uma especie de grande acampamento saharino. Por baixo do azinhal, no alpendre da igreja, á

sombra das nogueiras da horta, como a primeira vespera de festa é amanhã, e a turba cresce, rapazes e raparigas armam e desmancham bailaricos, a todo o instante, enquanto os velhos e as velhas, arregaçados, atarefados, improvisam lumareus entre duas louças, e tractam de depennar as gallinhas e os gansos para a confecção de jantares pantagruelicos. Onze da manhã. o sol dardeja fogo, e nas arvores, á medida que o rumor dos passaros se acalma, entra a escutar-se a zuida das cigarras, semelhante a um atricto de botas novas, por cima d'um *parquet* encerado de fresco. Uma indecisa fumaça enturva o ar, vinda não sei

d'onde, de queimadas distantes, dos remoinhos de poeira que as mulas levantam do restolho esboroadado, de fogachos crepitando ao de redor, pelas innumeras tendas da clareira—uma fumaça asfixiadora, sequiosa, feita de moinha de lava, misturada com sal e pó de talco, que se infiltra, que fermenta no suor, e nos enche a bocca de cinza preta, e nos empoeira o fato de cinza branca.

Oh o Alentejo, paiz do fogo, paiz do porco, e não obstante, paiz do sonho!

IRKAN



Temos hoje na Rua dos Condes a festa artistica de Pepa, a graciosa Jovelina do Reino das mulheres. Ora faltariamos ao mais sagrado dos deveres... da critica, se não lhe significassemos esta tarde toda a sympathia que nos merecem o seu talento e a sua verve. Os nossos theatros de opereta são tão pobres de figuras espirituosas—como as que o genero exige—que é um verdadeiro regalo encontrar n'um palco uma figura como esta... que mais parece ter sido arrancada a algum theatrinho parisiense,—d'aquelles onde a vista se dilicia na contemplação das endiabradas interpretes de Offenbach e de Andran.

Viva tu gracia!

SUPPLICIO INDIANO. POR J. BLASS

(Extrahido do Seuil du Dimanche)

